

congressoimprensafrancofona.com

**A IMPRENSA
FRANCÓFONA
DAS AMÉRICAS**

NOS SÉC. XIX e XX

**LA PRESSE
FRANCOPHONE
DES AMÉRIQUES**

AU XIX° et XX° SIÈCLES

**CADERNO DE
RESUMOS**

07 - 09 NOVEMBRO 2018

INSTITUTO DE ARTES - UNESP

R. Doutor Bento Teobaldo Ferraz, 271.

São Paulo/Brésil.

CONGRESSO INTERNACIONAL
A imprensa francófona das Américas nos séculos XIX e XX
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
07 a 09 de novembro de 2018

CONFERÊNCIAS

Novos avanços, novas reflexões sobre a imprensa francófona considerada como imprensa alófona

Diana Cooper-Richet
Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines – CHCSC-UVSQ, França

A rede internacional de estudos da imprensa em línguas estrangeiras, também chamadas de alófona – TRANSFOPRESS –, reúne há alguns anos pesquisadores de diferentes países trabalhando sobre esse objeto da história que foi por muito tempo negligenciado. Os trabalhos sobre a imprensa francófona no mundo avançaram bastante, mesmo que ainda haja muitas questões intocadas. Esses trabalhos permitem desde já a empreender as primeiras reflexões sobre esses periódicos que nunca foram considerados como fazendo parte de um vasto conjunto com características comuns. Deveríamos colocá-la em paralelo à imprensa colonial francófona, cujo estudo começou a ganhar força? Eis questões às quais esta comunicação tentará fornecer elementos de resposta, complementando a contribuição do congresso.

A imprensa francófona na América do norte

Guillaume Pinson
Universidade Laval, Canadá

Nesta conferência, o interesse se concentra na imprensa francófona da América do Norte do século XIX, levando em consideração os amplos elementos históricos, culturais e sociais de seu desenvolvimento. A imprensa norte-americana é proveniente de migrações (como ocorreu na Nova Inglaterra, no meio Oeste, no Centro e no Oeste canadense), de uma mistura de comunidades francófonas historicamente ancoradas na América e de populações deslocadas (a exemplo da imprensa periódica da Louisiana e do Quebec); ou ainda, tem suas raízes em populações originárias da França, Bélgica e Suíça que foram obrigadas a se deslocar por variadas razões, sobretudo aquelas de cunho político e econômico (como a imprensa de Nova Iorque e São Francisco). Assim, propõe-se aqui a dar um amplo panorama destes jornais e destacar as redes de circulação, nas escalas que se conectam: regional, nacional, continental e intercontinental (Europa, América do Sul).

Os almanaques francófonos nas Américas Transferências, estruturas, evoluções

Hans-Jürgen Lüsebrink
Universidade de Saarbrücken, Alemanha

O gênero editorial do almanaque, composto geralmente de um calendário, de efemérides (resumos dos eventos mais importantes do ano anterior) e das “variedades” (com anedotas, conselhos, narrativas), fez sua entrada na América na esteira da colonização. Introduzido em 1777 na Nouvelle France, com o *Almanach Encyclopédique* publicado em Montreal por Fleury Mesplet, no fim do século XVIII na Luziânia, no início do século XIX no Haiti e nas Antilhas francesas e na Nova Inglaterra assim como na Califórnia e no Oeste do Canadá a partir do meio do século XIX, os almanaques de língua francesa são, assim, provenientes do processo de transferências culturais que transformaram, em sua forma e conteúdo, este gênero de múltiplas facetas. Constituindo, de maneira geral, o gênero impresso mais difundido nas sociedades dos séculos XVII ao XIX, o gênero almanaque adquiriu formas e exerceu funções diversas: se os almanaques de larga circulação como o *Guide du cultivateur* (Montreal, 1830-1830) ou o *Almanach du peuple* (Montréal, a partir de 1856) representavam à época frequentemente o único impresso difundido entre as camadas populares, ao lado dos escritos religiosos, o *Almanach des Dames* (Nova Orleans, início do século XIX) ou *Almanach Royal d’Haiti* (1810-15, por exemplo, preenchiam funções específicas e se endereçavam a públicos mais elitistas e mais limitados. O objetivo da conferência é fornecer uma visão geral das formas jornalísticas, funções sociais e evolução deste importante gênero representado pelo almanaque nas culturas midiáticas das sociedades francófonas até as primeiras décadas do século XX.

Imigrantes franceses

Três estratégias de inserção no jornalismo do século XIX na Argentina: Lasserre, Coni, Meyer

Julio Moyano
Universidade de Buenos Aires, UBA
Argentina

A presença de cidadãos franceses na imprensa periódica do Rio da Prata (Buenos Aires, Montevideo) é muito antiga, remontando aos tênues antecedentes do século XVIII, quando mantinham relações com a elite de oficiais públicos. Mas é no final da década de 1820, quando se produz um incremento de inovação tanto na gestão de empresas jornalísticas quanto na produção de conteúdo escrito (Juan Lasserre) ou visual (Douville, Bacle, Pellegrini) que essa relação se intensifica. Juan Lasserre é um marco na criação da imprensa em língua francesa (cujos destinatários são seus compatriotas radicados em Buenos Aires, mas também a população crioula de língua espanhola), como também na inclusão de franceses no jornalismo local em língua castelhana, publicando quatro títulos em francês e oito em castelhano entre 1828 e 1839. Bacle e Pellegrini, por sua vez, dão lugar à litografia e à gravura para a imprensa periódica, cujo desenvolvimento é extenso e – por muitas décadas – com a hegemonia de compatriotas. Embora essa irrupção sofra interrupções após a década seguinte, marca um antes e um depois no jornalismo argentino e uruguaio. Outras ondas subsequentes de imigração francesa mostram sua rica intervenção na forja da indústria gráfica nacional com Pablo Coni e José Alejandro Bernheim na década de 1850, ou importante gravadores com Henri Meyer e Henri Stein. Nesta exposição, três casos paradigmáticos dessas três ondas serão revisados: Juan Lasserre, Pablo Coni e Henri Meyer. O primeiro chegou ao país com um grupo de

colegas com experiência na carreira militar no exército napoleônico, ele participa de guerras internacionais e civis de seu tempo e desse envolvimento trata de jornalismo, incorporando inovações na estratégia de visibilidade pública através de discursos altamente paródicos, mordazes e sarcásticos e na busca de exercer o papel de porta-voz de interesses da sociedade civil contra o Estado. O segundo, tendo desembarcado acidentalmente em Montevideu em 1851, coincide com Bernheim e o espanhol Hortelano e Toro y Pareja, todos no uso de suas habilidades tipográficas para gerenciar projetos em tipografia e jornalismo em parceria com o aparelho do Estado. O terceiro, o qual chega sob a presidência de Mitre (1862-1868), aproveita sua formação técnica em desenho e gravura a se inserir na incipiente transformação do jornalismo local seja no que tange o uso de seu jornal e posição como ferramenta de luta política, seja na busca de um empreendimento

de lucro estável. Os três casos nos permitem perceber vicissitudes singulares, mas também aspectos semelhantes apesar das diferenças de conhecimentos, práticas e momentos históricos: os três são orientados para a imprensa periódica como uma opção não prevista anteriormente, depois de tentar outras práticas; os três fazem uso de conhecimentos, experiências e técnicas aprendidas em seu país de origem, promovendo sua aplicação na região do Rio de la Plata; os três devem negociar com o Estado a possibilidade de desdobrar seus empreendimentos, dependendo fortemente dele, para sua própria tristeza; os três tentam, com resultados diversos, o uso de sua língua materna, mas no jornalismo tendem rapidamente a buscar sua adaptação à língua vernácula.

A imprensa francesa no Brasil: circulação e publicação nos séculos XIX e XX

Valéria Guimarães
Universidade Estadual Paulista – Unesp
Fapesp

A francofilia e a francofonia no Brasil está presente desde fins do século XVIII, presença esta também materializada na circulação de periódicos na língua francesa, tanto importados de Paris, como publicados em solo nacional por emigrados no século XIX e XX. Com o objetivo de colocar essa produção em perspectiva histórica, o corpus de periódicos franceses publicados no Brasil será analisado em relação ao corpus mais amplo de periódicos franceses que circularam no país na mesma época. É possível perceber, de um lado, a circulação e assimilação de um consistente conjunto simbólico eurófilo e seu uso cultural com objetivo de legitimação de uma elite que projetava seu prestígio através da adoção de referenciais aristocráticos estranhos ao contexto da ex-colônia. E, de outro, as intensas trocas culturais que tiveram nos jornais e revistas francófonos um espaço determinante em várias esferas para a história nacional, seja na formação da imprensa e do jornalismo da jovem nação, seja em esferas mais amplas, como, entre outros exemplos, na adoção de importantes políticas públicas, muitas vezes definidas nos debates promovidos em suas páginas. Com base em alguns exemplos concretos, pretende-se contribuir para o estudo de alguns aspectos da história da imprensa periódica no Brasil sob uma perspectiva transnacional, em que a produção local é analisada com vistas à ampla interação com a imprensa periódica estrangeira.

Imprensa francófona, história literária e literatura comparada: uma encruzilhada teórica

Yuri Cerqueira dos Anjos
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

O corpus literário da imprensa francófona produzida e difundida em território brasileiro ao longo do século XIX se configura não só como um rico retrato da presença da língua francesa nos trópicos, mas evoca também um rico processo de circulações e transferências culturais que marcaram os contatos entre as culturas brasileiras e francesas. Em sua dinâmica multidirecional e multifacetada, esse corpus impõe desafios teóricos importantes ao pesquisador que deseja analisá-los. Abordaremos, portanto, alguns dos principais problemas conceituais evocados por esse material, sobretudo do ponto de vista da história literária (fonte, autoria, datação, difusão) e da literatura comparada (contato, transferências, influências, paralelos e refrações). Acreditamos que não só podemos melhor compreender o material em questão a partir de um alinhamento e de um exame teórico mais bem delimitado, mas também o próprio corpus nos permite repensar e adaptar alguns desses conceitos, enriquecendo assim o arcabouço teórico das duas disciplinas em questão.

Petite Chronique: a repercussão dos espetáculos líricos no L'Echo du Brésil (1859)

Orna Levin

Instituto de Estudos da Linguagem,
Universidade de Campinas – UNICAMP

Dentre os jornais franceses publicados no Rio de Janeiro a partir da segunda metade do século XIX o *L'Echo du Brésil et de l'Amérique du Sud* destaca-se pela intensa cobertura que dava aos espetáculos teatrais. O jornal circulou de 1 de maio de 1859 a 4 de novembro de 1860. No primeiro ano, Altève Aumont esteve à frente da redação, sendo responsável pelas matérias publicadas a respeito das temporadas de teatro. Ele escreveu sobre assuntos de interesse da colônia francesa, mas deu atenção especial aos eventos culturais, acompanhando nas diferentes rubricas do *l'Echo du Brésil* os espetáculos realizados na cidade. Seu interesse pelo teatro será objeto desse trabalho, que procura mostrar de que maneira o jornal francês repercutiu as récitas realizadas no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, anteriormente designado de Teatro Provisório. Nas colunas intituladas “Petite Cronique” é possível observar suas manifestações sobre as montagens de ópera realizadas pela Companhia Lírica Italiana, que ocupou a sala desse teatro contando com os subsídios oficiais do governo, de fevereiro a dezembro de 1859. Sob a direção do empresário Araújo, o grupo contratou a famosa soprano francesa Anna Caroline de Lagrange (1825-1905), conhecida internacionalmente como Mme De La Grange. Principal estrela da Companhia Italiana, a diva francesa era casada desde 1848 com o Conde de Stankowitch e se tornara a protegida do compositor Mayerbeer. Sua passagem pelo Rio de Janeiro, onde permaneceu até novembro de 1859, antes de seguir rumo a Montevideu e Buenos Aires, coincide com a atuação jornalística de Altève Aumont, que faleceu na cidade vítima de febre amarela, aos 25 anos, no final do mesmo ano. Nas páginas do *l'Echo du*

Brésil, Altève Aumont publicou um esboço da biografia de Mme La Grange e inúmeras matérias de crítica, nas quais registrou sua apreciação sobre o desempenho da artista na Companhia Lírica Italiana. Essas crônicas mostram as polêmicas que o francês travou com jornalistas da imprensa brasileira e as notícias que reproduziu de jornais da Europa. Espera-se observar a partir dos seus textos no *l'Echo du Brésil* o papel que as rubricas teatrais produzidas por estrangeiros tiveram na construção do debate político e cultural no país. A análise dos pontos de vista dos franceses em relação aos espetáculos cênicos e ao repertório pode contribuir para uma melhor compreensão das trocas e apropriações das referências europeias no Brasil.

As artes plásticas e a crítica de arte na imprensa francófona das Américas: o caso do Catálogo Missão Artística Francesa e pintores viajantes. França e Brasil no século XIX, de 1990

José Leonardo do Nascimento

Universidade Estadual Paulista – Unesp

As artes plásticas acadêmicas, no Brasil, surgiram diretamente vinculadas ao universo artístico-cultural francês. À Missão artística Francesa de 1816, seguiram-se a criação da Academia Imperial de Belas Artes, o ensino das artes orientado pelos padrões teórico-plásticos neoclássicos, os prêmios de viagens regulares à Europa de artistas premiados nas exposições organizadas pela Academia. A primeira Exposição Geral da Academia Imperial de Belas Artes ocorreu em 1840 e, a partir de 1845, os artistas laureados pela Instituição recebiam bolsas de estudo de permanência nos centros artísticos europeus. Em meados do século XIX, artistas franceses instalaram ateliês no Rio de Janeiro, atendendo a comandas públicas e privadas. As primeiras críticas de artes plásticas na imprensa brasileira

empregavam vocabulário, noções e modelos interpretativos franceses. O modernismo plástico brasileiro incorporou, no pós-primeira Guerra Mundial, ensinamentos da Escola de Paris, orientando-se para um figurativismo em consonância com o “retorno à ordem” daqueles anos. O movimento parece ser geral na América Latina, comprovado pela edição da *Revista Sur*, em Buenos Aires, a partir de 1931. Há uma intensa circulação de imagens, de concepções estéticas, de categorias críticas, de padrões de organização de Museus e de Exposições de arte, entre a França e as Américas, ao longo dos dois últimos séculos. Entre os veículos, em que se materializam esses circuitos artístico-culturais, destacam-se as publicações de jornais, revistas, catálogos de mostras artísticas, redigidos, muitas vezes, em francês. O Catálogo *Missão Artística Francesa e pintores viajantes. França e Brasil no século XIX*, publicado no Rio de Janeiro pelo Instituto Cultural Brasil-França, em 1990, é um exemplo dessas trocas de ideias e de experiências culturais da França com um país latino-americano

O processo de produção dos impressos: diálogos entre materialidade, conteúdo e inserção social

Tania Regina de Luca
Universidade Estadual Paulista – Unesp
CNPq

As transformações epistemológicas da disciplina História nos últimos decênios implicaram em deslocamentos significativos em relação à forma de encarar os impressos

periódicos, que deixaram de interessar apenas pelo conteúdo. Assim, passou-se a atentar para o seu processo de produção, aqui entendido numa dupla chave. De um lado, a materialidade, que implica em levar em consideração os múltiplos aspectos relacionados à fatura dos mesmos enquanto objetos a serem lidos e manuseados, o que remete para as condições de possibilidades da indústria gráfica num determinado espaço e tempo – maquinário, papel, incorporação (ou não) de imagens em suas múltiplas formas (xilografia de fibra e topo, talho doce, registros fotomecânicos). Por outro, a organização e a produção do conteúdo em si também são dotados de historicidade, seja no que diz respeito às soluções do projeto gráfico ou aos gêneros de escritura aí contemplados. Tais questões ganham em complexidade quando a análise não se limita às fronteiras nacionais – postura analítica que ainda predomina nos estudos sobre a história da imprensa – para também engloba trocas em termos mais amplos, uma vez que essas sempre se fizeram presentes no campo da imprensa periódica. Os jornais e revistas publicados em língua estrangeira constituem-se num campo particularmente fértil para reflexões dessa natureza, justamente por evidenciarem a complexidade e o hibridismo desse tipo de impresso, objeto cultural que carregava marcas de origem dos responsáveis pelo seu lançamento, mas que também já respondia às múltiplas demandas sociais provenientes da condição de imigrado.

Rastros e continuidade: a crítica teatral no *L'Écho de l'Amérique du Sud*

Profa. Dra. Priscila Renata Gimenez
Universidade Federal de Goiás – UFG

A crítica teatral, como rubrica e gênero de base do *feuilleton* e, portanto, da matriz francesa, foi praticada no Brasil pelos primeiros editores franceses da imprensa periódica que por aqui se instalaram. Pierre Plancher, figura chave do processo de transferência das práticas culturais das mídias impressas da França para o Brasil, lançou em língua francesa, no Rio de Janeiro, o periódico *L'Indépendant* (1824-1827), ao qual Émile Sévène, emergente liberal, deu continuidade sob novo nome de *L'Écho de l'Amérique du Sud* (1827-1828). Em ambos a crítica de espetáculos tinha espaço garantido. Partindo da importante atividade crítica do *L'Indépendant* para a formação e estabelecimento da rubrica teatral na imprensa brasileira, conforme demonstra Berçot (2011), esta intervenção tem como objeto de estudo e análise a crítica teatral do *L'Écho de l'Amérique du Sud*, distinguindo dois períodos do periódico: sob a direção de Sévène e sob a direção de René Ogier, editor-proprietário do jornal em 1828. Num primeiro momento, compõem o foco da apresentação a descrição e o estudo dos referidos artigos, de seus métodos e procedimentos de análise, opiniões e abordagens, bem como suas estratégias de escrita. Já, num segundo momento, pretende-se, por um lado, verificar se houve certa continuidade daquela crítica produzida no *L'Indépendant*, e, por outro lado, examinar a existência ou não de traços da crítica produzida contemporaneamente nos principais jornais cotidianos parisienses, em especial o *Journal des débats politiques et littéraires*, buscando averiguar a presença de resquícios redacionais e/ou conceitos críticos-metodológicos reproduzidos no *Écho*. Por fim, com tal proposta, visa-se sondar as contribuições dessa crítica para solidificação do folhetim teatral, o qual se estabelecerá mais tarde nos jornais brasileiros em língua portuguesa, como no *Jornal do Commercio*, por exemplo, que publicou a bem sucedida série “Semana Lírica” (1846-1847), redigida pelo habilidoso Martins Pena.

Um monstro de mil cabeças chamado "público": o *Figaro Croniqueur*

Profa. Dra. Monica Pimenta Velloso
Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB

Em meados do XIX jornalistas franceses editaram no Rio de Janeiro um conjunto de impressos identificado como “pequena imprensa”; vários deles eram de caráter literário humorístico. Contrastando com os grandes jornais cotidianos, tais publicações tinham enorme potencialidade criadora, desempenhando função estratégica na comunicação. *Figaro Croniqueur* (1859) integra este gênero que ensaiava os primórdios da cultura de massa no Brasil. Tendo poucas páginas e breve duração, este impresso levantava uma série de questões: como lidar com um grande público? seria pertinente o uso do humor e da crítica social? até que ponto essa linguagem não soaria ofensiva? Discutir as estratégias de comunicação do *Figaro Croniqueur* é o se propõe. O texto também busca investigar o diálogo que a publicação estabelece em relação às congêneres francesas. Dando continuidade à discussão sobre as publicações satíricas humorísticas na imprensa francófona, este trabalho propõe investigar o aspecto híbrido (Bertrand Tillier) que as marca. Dialogando com a história cultural busca novos entendimentos sobre a historicidade dos distintos sistemas de percepção cultural que regiam os usos/ sentidos da cultura impressa oitocentista.

***Le Patriote Français* (Montevideo, 1843-1850): l'épique et le feuilleton ou la fiction généralisée**

Profa. Dra. Alma Bolón Pedretti
Universidad de la República, Uruguay

La matrice littéraire de la presse du XIXème siècle a été brillamment posée par la recherche spécialisée (notamment, Dominique Kalifa et alii, *La civilisation du journal*, Paris : Nouveau Monde, 2011). *Le Patriote Français* est un journal dont la fondation à Montevideo, en février 1843, est liée à des circonstances politiques, voire militaires, à savoir, le début du siège mis à cette ville-port par une coalition uruguayo-argentine. Explicitement, dès son premier numéro, *Le Patriote Français* déclare sa volonté d'accompagner cette circonstance guerrière particulière, tout en

exprimant son souhait cohérent d'avoir une vie brève. En fait, ce périodique aura une vie aussi longue que la ville assiégée -huit années-, puisqu'il ne s'arrêtera qu'avec la fin de la guerre, en décembre 1850. La lecture de sa première année de parution permet de voir comment s'articulent des conditions d'existence aussi singulieres -un journal dont le projet éditorial est étroitement lié aux partis pris militaires, idéologiques et commerciaux d'un ensemble de Français émigrés au Rio de la Plata- et une matrice littéraire. Plus précisément, nous essayerons de montrer un fonctionnement franchement littéraire de cette écriture, subsumée sous la forme « feuilleton », et cela de manière quasi systématique, c'est-à-dire indépendamment de la matière traitée.

La Gran Guerra y la Revolución Rusa através de los escritos de Paul Groussac en *Le Courier de la Plata*

Prof. Dr. Emiliano Gastón Sánchez
Universidade Nacional Tres de Febrero
UNTREF, Argentina

En diciembre de 1916, vinculado con un cambio en la redacción que trajo consigno una apertura a nuevos colaboradores y corresponsales, *Le Courier de la Plata*, el principal diario de la colectividad francesa en Argentina, anunciaba la incorporación de Paul Groussac como su colaborador estable. No era la primera vez que este intelectual participaba en la prensa de la colectividad francesa en Argentina. En 1893 tuvo una colaboración episódica en este mismo diario con una serie de crónicas de su viaje a la Exposición Universal de Chicago y, posteriormente, fue una figura central en la experiencia de *Le Journal Français* (1894-1895), un periódico financiado por Clodomir Hileret, pionero de la industria azucarera en Tucumán, que había conocido a Groussac en su paso por dicha provincia entre 1871 y 1882. Esta nueva participación del Director de la Biblioteca Nacional en *Le Courier de la Plata* coincidió, en primer lugar, con el inicio de una de las etapas de mayor impacto de la Gran Guerra en Argentina y en América Latina, impulsada por el ingreso de los Estados Unidos en la contienda y el hundimiento de una serie de buques argentinos que motivó una fuerte movilización de la opinión pública local. Y, en segundo lugar, con el ascenso del gobierno radical de Hipólito Yrigoyen, que puso fin a varias décadas de predominio conservador. Con 68 años de edad y sin descuidar sus actividades al frente de la Biblioteca, Groussac publicó más de cincuenta

crónicas en el citado diario hasta su desvinculación a mediados de 1919, las cuales revelan una activa militancia cultural y patriótica que, presumiblemente, explique su designación por parte de Georges Clemenceau como Oficial de la Legión de Honor a comienzos de 1918. Ese conjunto de escritos periodísticos, en los que se advierte una activa recepción local de la “cultura de guerra” francesa, junto con su correspondencia y otros materiales provenientes de su archivo personal constituyen las fuentes principales de esta ponencia. El análisis de ese momento particular en la trayectoria intelectual de Groussac parte de las siguientes hipótesis. En primer lugar, que el predominio de los temas de actualidad en sus escritos periodísticos de los años de la Gran Guerra configuran un modo de intervención, caracterizado por el apoyo a Francia y sus aliados, que tensiona una autorepresentación como “sabio” y “erudito” construida por Groussac desde finales del siglo XIX. En segundo lugar, que en el marco de esa activa labor periodística emergerán también, aunque en menor medida, opiniones y referencias sobre la política argentina, un aspecto en el que Groussac se mostró más bien reactivo a lo largo de su trayectoria. Y, en tercer lugar, que estos escritos muestran una reactualización de sus reflexiones en torno a su condición de francés en la Argentina y, en términos más amplios, de la cuestión de la nacionalidad y la patria, impulsada desde el comienzo de la contienda por el temor a que el ejército francés reclamara a sus hijos varones el llamado “impuesto de sangre”.

Un primer balance de la prensa en lengua francesa en México durante el siglo XIX

Prof. Dr. Arnulfo Uriel de Santiago Gómez
Universidad Autónoma Metropolitana
Unidad Xochimilco, México

Encontramos algunas noticias de publicaciones periódicas en Francés para su venta en la Ciudad de México desde 1825, relacionadas con la actividad de libreros que desarrollaron la producción de libros en lengua española impresa en Francia, principalmente en París, como Bossange, Rosa o René Masson. Hay que esperar una segunda etapa de este comercio editorial que comienza con otro René Masson, periodista y liberal ya activo en Estados Unidos entre 1844 y 1848. Él fundó en México *Le Trait d'Union*, publicado durante cinco décadas - con interrupciones debidas a su posición política, confrontada por ejemplo con el Imperio de Maximiliano-. Entre las publicaciones francófonas, hubo 14 publicadas entre un periodo de veinte años, entre 1860 y 1880: nueve (más favorables algunas a la ocupación del país) durante

la década de 1860, y cinco en la década siguiente. Le *Trait d'Union* constituyó un modelo para la prensa francófona en México. Masson fue considerado como un liberal progresista próximo de un político poderoso, Miguel Lerdo de Tejada. Esta proximidad a las élites es una de las estrategias seguidas por los editores extranjeros, sean libreros o periodistas. Desde 1848 hasta fines del siglo XIX se editaron 23 publicaciones periódicas, la mayor parte de corta duración. Se trata sobre todo de una prensa de la inmigración, que busca promover los intereses políticos y económicos de su comunidad. Para la historia de la edición resulta e interés ver esa diferencia entre la prensa que se imprime localmente, y el comercio del libro que sale de las prensas francesas.

A tipografia do *Jornal do Commercio* sob a direção de Pierre Plancher e Junius Villeneuve: periódicos, romances e outras obras

Ms. (Doutorando) Odair Dutra Santana Júnior
Universidade Estadual Paulista – Unesp

Nesta comunicação, apresentaremos as atividades de impressão realizadas pela tipografia do *Jornal do Commercio* em suas primeiras décadas de atuação (1827-1863), quando esteve sob a direção dos franceses Pierre Plancher e Junius Villeneuve. O periódico em questão foi impresso no Rio de Janeiro a partir de outubro de 1827 por iniciativa do francês Pierre Plancher, que se instalou no Rio de Janeiro no início do século XIX, após ter saído de seu país por motivos políticos. Em junho de 1832, o novo quadro político na França, após a Revolução de Julho de 1830, levou Plancher a decidir pela volta ao seu país. Para isso, ele vendeu todo o seu patrimônio acumulado durante sua residência no Brasil aos franceses Junius Villeneuve e Réol Antoine de Mougnot. Essa sociedade, porém, foi desfeita em dezembro de 1834 e Villeneuve passou a ser o único proprietário do *Jornal do Commercio* e de sua tipografia. A partir da consulta e levantamento dos dados relativos à tal tipografia, realizados junto aos acervos da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, da Biblioteca Mário de Andrade e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, de São Paulo, e das Bibliotecas da USP, por meio do portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP), encontramos uma grande variedade de títulos e tipologia de impressos, os quais apontam para uma atividade de impressão intensa, diversificada e muitas vezes inspirada em modelos franceses. Entre as revistas e folhas periódicas, destacam-se duas folhas em língua francesa, *L'Independant* (1827) e *L'Echo de*

L'Amerique du Sul (1827-1828), e a revista ilustrada *Museo Universal*, publicada entre julho de 1837 e julho de 1844, com evidente inspiração na revista *Musée des familles*, publicação ilustrada criada por Émile de Girardin em outubro de 1833, referenciada no prospecto da revista brasileira. No que se refere à publicação de obras literárias, por sua vez, saíram à luz textos poéticos e teatrais – como a coleção “*Archivo Theatral*”, ideia inspirada em coleção francesa de mesmo nome –, porém destacou-se a impressão de romances, concentrada ao final da década de 1830 e durante a década seguinte, impulsionada pelo desenvolvimento do folhetim nos jornais brasileiros e pelo hábito de reimpressão dos romances-folhetim, notadamente de autores franceses, pelas tipografias do período, após sua publicação pelo jornal. Como destaca Matias Molina (2015), o *Jornal do Commercio* foi a publicação mais importante do Rio de Janeiro e a mais influente do país durante a maior parte do século XIX e começo do século XX. Assim, observar não apenas suas seções, mas também a atividade de impressão realizada em sua tipografia e anunciada em suas páginas, destaca a importância da atividade editorial realizada pelas oficinas dos jornais do XIX para a criação e manutenção de um comportamento literário e leitor em voga no período e traz dados importantes sobre a circulação da cultura e a língua francesa no Rio de Janeiro oitocentista por meio de modelos, suportes, rubricas, imagens, diagramação, organização empresarial, entre outros.

Descrevendo o bom-tom: transferência e mediação da moda impressa na França para o Brasil na metade do século XIX

Ms. (Doutorando) Everton Vieira Barbosa
Universidade Federal Fluminense – UFF

Durante todo o século XIX podemos encontrar impressos periódicos publicados no Brasil que indicavam a moda francesa como exemplo de civilidade, modernidade e de bom-tom, na qual toda a sociedade deveria seguir. Dentre estes periódicos, *O Jornal das Senhoras* (1852-1855) escrito e dirigido por mulheres no Brasil manteve como uma de suas estratégias editoriais a inserção de litografias e a descrição das respectivas estampas, extraídas do periódico francês *Le Moniteur de la Mode* (1843-1913), a fim de aproximar, informar e instruir suas leitoras sobre a moda parisiense. A circulação do impresso periódico francês pelo Oceano Atlântico se dava pelas distintas embarcações que aportavam no porto do Rio de Janeiro e eram enviadas aos estabelecimentos comerciais que possuíam relações mercantis com os distintos redatores do velho e do novo

continente. Entre estes correspondentes da imprensa francesa, temos Alexandre e Francisco Demarais, livreiros localizados na Rua do Ouvidor. Estes dois comerciantes franceses estabelecidos no Brasil eram correspondentes do periódico *Le Moniteur de la Mode* e também subscreviam para o *O Jornal das Senhoras* em sua livraria, servindo como verdadeiros mediadores culturais ao contribuírem com a transferência cultural da moda impressa na França para o Brasil na segunda metade do século XIX. Ao receberem os periódicos franceses de Alexandre e Francisco Demarais, as redatoras do *O Jornal das Senhoras* tinham a tarefa de circular em pelos estabelecimentos comerciais de modistas e demais comerciantes a fim de identificar se todos os elementos retratados nas litografias estavam disponíveis para compra pelas assinantes do jornal. Após esta tarefa, era realizada a tradução da descrição da estampa e ela recebia a devida correção e adaptação, com a finalidade de atender as demandas específicas de suas leitoras. Tendo 209 edições publicadas entre os anos de 1852 e 1855, podemos compreender que mais de 160 edições do *O Jornal das Senhoras* teve a inserção de litografias e suas respectivas descrições das estampas francesas, indicando a forte relação existente entre as redatoras e redatores destes impressos periódicos e a importância das informações sobre a moda parisiense às leitoras brasileiras. Toda a dinâmica de circulação da imprensa francesa por meio das embarcações, a necessidade de correspondentes comerciais no Brasil, a circulação de redatoras pelos estabelecimentos comerciais de vestimentas, assim como a tradução e a impressão das litografias e descrição das estampas francesas girava todo um comércio em torno da moda, assim como os modos de se vestir em determinados horários e espaços de sociabilidade, conforme as instruções impressas pelos periódicos femininos. Neste sentido, temos como objetivo compreender por meio das informações sobre a moda parisiense extraídas de *Le Moniteur de la Mode* e impressa no periódico *O Jornal das Senhoras* as trocas culturais existentes entre os mediadores culturais envolvidos neste processo, e os meios utilizados na transferência cultural da moda francesa para o Brasil.

O Brasil no *Mercure de France*. O *Mercure de France* no Brasil (1890-1900)

Profª. Dra. Camila Soares López
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

No fim do século XIX francês, o Simbolismo estabeleceu-se no campo literário como movimento que se opôs às estéticas então em voga.

Para garantir a difusão de suas obras, membros de agrupamentos simbolistas e decadentistas criaram suas próprias folhas, chamadas *petites revues*. O Simbolismo, como aponta Anna Balakian, foi um evento “internacional”, o que garantiu seu cosmopolitismo e fez com que, em suas publicações periódicas, ocorresse a participação não apenas de literatos franceses, mas, igualmente, daqueles oriundos de outras nacionalidades. Na *série moderne* do *Mercure de France*, *petite revue* fundada em 1890, tal presença de nomes de diferentes localidades fez-se evidente. E, em um momento de intensas trocas culturais, o título *Mercure de France* irradiou-se para além de Paris e aportou entre os brasileiros; com ele, adentraram, também, a sua crítica literária, seus ensaios e seus poemas, entre outros textos e referenciais. Nesta comunicação, traremos à luz a chegada do *Mercure* ao Brasil, sua familiaridade entre os membros da imprensa local, os indivíduos que facilitaram sua entrada no país e a circulação de livros de sua editora – cuja primeira investida ocorreu em 1892 – entre os escritores da década de 1890 e início do século XX. Além disso, consideraremos a presença da literatura brasileira nas rubricas “Lettres Portugaises” e “Lettres Brésiliennes”, bem como as menções aos lusos e aos brasileiros em colunas como “Écho divers et communications”, que nos trazem indícios das sociabilidades do período.

Le Journal de l'Atlantique (1907-1914) : figure de proue d'une culture médiatique transnationale?

Prof. Dr. Joel Langonné
Université de Rennes 1, França
Universidade de Brasília – UnB

A tournant du XXe siècle, les steamers transatlantiques transportent un grand nombre de journaux dans leurs cargaisons ; des journaux qui naviguent vers leurs abonnés de l'autre côté de l'océan. Ces titres voyagent d'un continent à l'autre, et participent à la circulation virale des nouvelles sur un axe atlantique (Pinson, Schuh, Langlais 2016). Pour autant, le flux de nouvelles n'est pas tout à fait en pause, le temps de la traversée. Il existe en effet à cette époque des titres qui sont imprimés sur les navires. Le Journal de l'Atlantique est l'un de ceux-là : il s'agit d'un quotidien distribué dès 1906 sur les paquebots de la French Line, sur la ligne Le Havre/New-York. Sa ligne éditoriale s'attache, littéralement, à des lignes maritimes, via une technique nouvelle de communication longue distance, la radiotélégraphie (TSF). C'est une filiale de la Marconi's Wireless Telegraph Company qui

édite Le Journal de l'Atlantique : elle vend ainsi des radiotélégraphes et des informations et des publicités pour distribuer, en fin de compte, un journal attachant parce qu'attaché à un imaginaire fait de communications sans fil ininterrompues avec le monde. Ainsi le Journal de l'Atlantique prend part à sa manière au flux médiatique international, en évitant la déconnexion des passagers d'avec les nouvelles du monde. En ce sens il participe à la « synchronisation internationale » (Pinson, 2016) de la publication des informations. Au fond, il prend sa part dans la culture médiatique d'alors. Métaphoriquement, il en est même une figure de proue. C'est ce que nous souhaitons décrire dans notre communication. D'abord, la TSF est un sujet en soi pour la presse, tout comme les navires transatlantiques d'ailleurs (Simard Houde, 2017). Le Journal de l'Atlantique, qui s'attache au deux, est lui aussi une entité dont on parle dans les journaux. Il entre dans une continuité d'initiatives qui traverse le flux des informations d'alors, et qui fait l'éloge de la modernité. En fait, l'ensemble de la presse grand tirage d'alors porte un regard admiratif sur le monde moderne; les lecteurs semblent s'enthousiasmer pour la traversée de terres reculées, pour la conquête des airs et des mers : autant de topiques qui participent de la construction de la modernité. Le Journal de l'Atlantique, en tant qu'objet capable d'incarner une entité caractéristique de la modernité, élève ce type d'éditorialité au carré. En outre, ce périodique distribué sur un paquebot raconte aussi un monde avec des avions dans les airs, des automobiles sur les routes et des expéditions lointaines... Non seulement le flux de nouvelles n'est plus en pause, sur les lignes transatlantiques, mais en plus il est expliqué au lecteur en mouvement que le monde moderne s'accélère encore. C'est assez vertigineux. Au fond, si les lignes transatlantiques alimentent les lignes éditoriales de journaux thuriféraires de la modernité, on peut dire que le Journal de l'Atlantique confond, transcende, ligne éditoriale et ligne transatlantique.

**A experiência francesa de Mariátegui:
Clarté e o editorialismo programático de
vanguarda no início do século XX**

Prof.ª. Dra. Carmen Susana Tornquist
Universidade do Estado de Santa Catarina
UDESC

Esta comunicação busca caracterizar o periódico Clarté, publicado em Paris, entre os anos de 1919 e 1928, inicialmente no formato de Boletim, quinzenal e com páginas e, logo, transformado em Revista semanal. Destinado inicialmente a expressar um movimento de intelectuais, ex-combatentes da I Guerra e dela, ferozes críticos, Clarté rapidamente assume uma ideologia socialista e pró-soviética, tendo contribuído para tal inflexão, as posições de Henri Barbusse, seu editor-chefe por vários anos. Assim, durante grande parte de sua existência, Clarté serviu como veículo de difusão das conquistas realizadas na URSS, consideradas avançadas do ponto de vista civilizatório, ao contrário da Europa e da França, em particular, que, segundo Clarté, vivia um período de retrocesso em todos os âmbitos: político, social, econômico, moral e estético. Nesta via, Clarté foi um importante difusor de críticas à moral e à cultura burguesas, tendo albergado, assim, produções e manifestos das vanguardas estéticas daquele momento, em especial, do movimento surrealista, com quem chegou, inclusive, a propor uma aliança, via a criação de La Guerre Civile, publicação que não chegou, todavia, a ser editada. A revista Clarté circulou sobretudo na França e na Europa, mas teve significativa importância junto a meios socialistas do mundo inteiro, francófonos ou não. No caso da América Latina, destacaremos, em nossa apresentação, o impacto que teve no Peru, sobretudo através de um de seus leitores de primeira hora: José Carlos Mariátegui. Para além da relação pessoal e epistolar que Mariátegui manteve, ao longo de sua curta existência, com seu editor, Barbusse, deve-se destacar que Clarté foi o projeto editorial que maior influência teve sobre o pensador peruano, segundo o estudo medular de Robert Paris. Além de difundir textos da referida revista para o espanhol, sobretudo nas publicações Claridad, e, depois, Amauta, pode-se perceber outros elementos presentes no empreendimento editorial levado a cabo por "El Amauta", entre os quais a ideia de promover uma revolução nos espíritos (através da arte, da cultura, mais além da política strictu-sensu) e a promoção de um espaço plural, por vezes heterodoxo, aberto às várias correntes de pensamento crítico. Porém, observou-se que, se por um lado, Mariátegui empenhou-se em dialogar com seus colegas franceses a partir de seu projeto de periodismo programático de vanguarda, nos termos da socióloga argentina Maria Fernanda Beigel, uma postura recíproca desde Clarté, não chegou a consolidar-se, restringindo-se ao contato com Barbusse e a raras e precárias referências às experimentações editoriais peruanas, capitaneadas por Mariátegui.

O papel da imprensa francófona para a percepção, tradução e circulação de literatura e autores de língua alemã no Brasil oitocentista: o caso dos românticos

Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRN

A imprensa francófona exerceu um papel significativo enquanto suporte de divulgação, circulação e tradução de publicações de literatura de língua alemã no Brasil desde os meados do século XIX. Enfoque principal dessa contribuição serão a presença de autores românticos de língua alemã nessa imprensa francófona e as repercussões locais em termos de atividades tradutórias e abordagens crítico-literárias na imprensa periódica brasileira. Podem-se diferenciar vários cenários de atividades culturais. Havia a divulgação e circulação direta de revistas francesas no mercado brasileiro, como por exemplo a *Revue de Paris* de Eugène Renduel, e havia principalmente o caso da *Revue* e do *Annuaire de la Revue des Deux Mondes* nos quais encontramos trechos de romances e poesias românticas alemãs traduzidos e abordagens crítico-literárias e político-culturais sobre as produções contemporâneas no contexto das "lettres germaniques" com ênfase, por exemplo, em escritos autobiográficos e poesias, e tendo aqui, dentre outros, contribuições de Saint-René Taillandier, George Sand e do próprio Henri Heine sobre o livro "De l'Allemagne" e a escola romântica. Ao mesmo tempo, a partir de traduções francesas de literatura alemã, que as vezes já eram traduzidas de segunda mão a partir de traduções inglesas das mesmas na *Foreign Quarterly Review*, tradutores e jornalistas do contexto franco-brasileiro, como Justiniano José da Rocha, aproveitam a circulação transatlântica rápida dos periódicos francófonos e publicam já pouco tempo depois, por exemplo, contos fantásticos de E T A. Hoffmann ou romances em formato de folhetim em português na imprensa brasileira, como por exemplo da escritora alemã Fanny Lewald. Vamos apresentar a partir de alguns exemplos estratégias e dinâmicas de tradução e divulgação, leituras, transformações e diferentes funções dos textos e autores românticos alemães no novo contexto cultural brasileiro dos meados do século XIX.

Duas guerras, dois tradutores. Victor Orban e René Chadebec de Lavalade na imprensa francófona no Brasil do século XX

Profa. Dra. Emilie Geneviève Audigier
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

O tradutor belga Victor Orban organizou uma das primeiras antologias de literatura brasileira (1914), com contos de Machado de Assis traduzidos para o francês. Viveu no Brasil e conheceu intelectuais brasileiros de sua época. Foi o primeiro tradutor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o francês. Décadas depois, o General René de Chadebec de Lavalade, em missão militar no Brasil na Embaixada, traduziu novamente o romance do Bruxo (1944). Como esses defensores tão singulares das letras brasileiras traduziram durante as duas guerras que marcaram a Europa e o mundo? Em que suas traduções de Machado de Assis pertencem a épocas marcadas pela guerra, no plano intelectual? Proponho nesta comunicação me apoiar em artigos da imprensa francófona nas Américas para recompor o percurso destas dois intelectuais originais.

Ações glotopolíticas para a disseminação da língua francesa no Brasil

Ms. (Doutoranda) Shirlei Almeida Baptistone
Universidade Federal Fluminense – UFF

Este trabalho tem como objetivo principal refletir como a imprensa francófona no Brasil, no século XIX, cooperou na divulgação de ações glotopolíticas para a disseminação da língua francesa no país, de aspectos culturais envolvidos com o seu ensino. As línguas não são apenas o meio privilegiado de comunicação entre os seres humanos, elas encarnam também a visão e a representação de mundo de seus falantes, seus imaginários, sua maneira de veicular o conhecimento. (Louis-Jean Calvet, 2002). Com a abertura dos portos e as imigrações crescentes, o comportamento da elite brasileira foi impactado pelos valores culturais franceses de sofisticação e prestígio que conferiam no imaginário coletivo um certo status social o que potencializava bastante o desejo de dominar a língua francesa. Acreditava-se que a sua promoção daria acesso ao mundo civilizado, desenvolveria o comércio internacional e contribuiria para a expansão cultural o que de fato gerou uma grande dependência cultural ao consumo de produtos culturais franceses (livros, escolas, congressos etc). Convém ressaltar que o

governo francês usou a língua como um instrumento de penetração cultural no exterior. Segundo Lessa (1997), a influência intelectual e cultural francesa no Brasil são frutos de uma ação refletida de uma política linguística estrangeira na América do Sul refletindo em instituições privadas, semiprivadas, religiosas ou até mesmo públicas. Partimos do pressuposto que as publicações em língua francesa exerceram papel significativo, além de todo o cenário político, econômico e cultural brasileiro, para a necessidade de se promover a língua francesa institucionalmente no Brasil. O referencial teórico que embasa este trabalho apoia-se principalmente em: Lessa (1997), Philippe Boulanger (2017), Calvet (1998, 2002).

Das revistas aos livros: Baptiste-Louis Garnier e Pierre-Jules Hetzel ; Machado de Assis e Jules Verne

Prof.a. Dra. Lucia Granja
Universidade Estadual Paulista – Unesp

Neste trabalho, serão estudados aspectos do engajamento do empresário francês instalado no Brasil, Baptiste-Louis Garnier, na construção de um periódico dedicado « aos interesses domésticos das famílias brasileiras », o *Jornal das Famílias* (1863-1878), o qual funcionou, conforme declarado em seu programa, como um continuador aperfeiçoado da *Revista Popular* (1858-1862), também da propriedade de Garnier. Para além dos propósitos moral e de entretenimento alegados pela apresentação do *Jornal* (janeiro de 1863), é preciso que sejam esclarecidos os interesses propriamente financeiros e editoriais de Garnier, que, instalado no Brasil desde os anos 1840, fora, até então, livreiro, mas, coincidentemente, à época da criação do *Jornal das Famílias*, procurava afirmar-se não apenas como comerciante de livros, mas também como editor, atuando em todas as frentes possíveis, inclusive na formação de coleções literárias formadas por títulos brasileiros. Nesse sentido, as ações editoriais de Garnier, se comparadas às de grandes editores franceses dos anos 1850 e 60, revelam a circulação de determinados métodos para a produção de conteúdos e ampliação das formas de circulação, os quais, no caso dos textos de ficção, rendiam duas vezes ao editor de revistas, no periódico e no livro. Casos comparáveis, de um lado do Atlântico estavam Pierre-Jules Hetzel, Julio Verne e os periódicos ilustrados que lhes possibilitaram o acúmulo dos capitais econômico e simbólico necessários para atuar no exigente mercado editorial francês do livro, na segunda metade do século XIX, sempre chez Hetzel ; do outro lado do oceano, Baptiste-Louis Garnier,

Joaquim Maria Machado de Assis e o *Jornal das Famílias*, periódico que também auxiliou esse livreiro estabelecido e editor em afirmação a acumular o capital econômico necessário ao mercado do livro, bem como auxiliou o então jovem escritor a acumular o capital simbólico necessário à publicação de sua ficção, na forma livro, chez Garnier. Dessa forma, esses periódicos ilustrados de endereçamento amplo configuraram-se como espaços para publicação de textos experimentais de ficção tanto para Jules Verne quanto Machado de Assis, que ali se lançam às primeiras cruzadas da prosa de ficção, ensaiando narrativas curtas. Ao mesmo tempo, funcionaram como trampolins para outras atividades editoriais, como demonstrará a análise comparada de fontes documentais, os contratos assinados entre as duplas Hetzel-Verne e Garnier-Machado de Assis. Parece claro que, em ambos os casos, os editores souberam reconhecer nos temas experimentados pelos escritores nos jornais aquilo que lhes renderia, mais tarde, romances publicados pelas próprias editoras de Hetzel e Garnier, onde se aproveitava o filão que Verne e Machado de Assis exploraram nos contos saídos na imprensa popular.

Um mosqueteiro atravessa o Atlântico: a personagem Alexandre Dumas nos jornais brasileiros

Prof.a. Dra. Maria Lúcia Dias Mendes
Universidade Federal de São Paulo
UNIFESP

Alexandre Dumas já era famoso como autor teatral e crítico teatral; entretanto é o romance folhetim publicado em jornais a partir de 1838 que abrirá uma nova vertente para a sua carreira de escritor. O sucesso na França leva a tradução e publicação de seus romances em várias partes do mundo, muitas vezes publicados em jornais mundo afora, propagando suas personagens e enredos. Além de suas obras, os jornais foram responsáveis pela disseminação da “personagem” Dumas. A sua maneira de viver, suas aventuras, suas causeries repercutiram-se pelo mundo através das notícias levadas pelos jornais ao estrangeiro. No espírito da circulação transnacional dos imaginários mediáticos durante o século XIX, propomos mostrar como a “personagem” dumas foi construída e difundida também pela imprensa brasileira (Rio de Janeiro e São Paulo) a partir de reprises de notícias de jornais franceses e portugueses.

Os franceses na imprensa espírita do século XIX

Ms. (Doutoranda) Rayssa Almeida Wolf
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

A proposta para esse trabalho é parte de um projeto maior de doutorado intitulado: " O espiritismo como herança francesa no Brasil: a imprensa espírita como instrumento transnacional de inserção religiosa". Ao longo da historiografia que trata da história do espiritismo, encontramos personagens que compreendemos como relevantes para a inserção e expansão do espiritismo, por meio da imprensa em forma de livros e revistas. O conjunto documental sugerido para a análise se configuram enquanto periódicos que, ora possuem artigos dissertativos ora apresentam romances. Dessa forma, faz-se necessário compreender as particularidades que envolvem essa modalidade de expressão escrita. Em se tratando de textos que tematizam "um outro mundo", o "sobrenatural", um leitor não ambientado com tal narrativa poderia interpretar tal texto como ficção. O corpus documental compõe-se de edições do *Moniteur du Spiritisme*, *Revue Spiritualiste*, *Revue Spirite* e *Spiritual Telegraph*. Como trata-se de um projeto em andamento, dessa forma não foram decididas quantas unidades serão analisadas. Para compor o quadro teórico farei uso das reflexões acerca da transnacionalidade do espiritismo de Monroe (2014), circularidade e transferências culturais de Guimarães (2012) e Ferreira (2012). Acrescentando ainda os conceitos de campo do Bourdieu (2014) e os elementos de interpretação e super-interpretação de Eco (2005). Imigrantes franceses como Baptiste-Louis Garnier, Casimir Lieuteaud, Adolphe Hubert, são alguns exemplos de jornalistas, editores e professores que cruzaram com a doutrina de Allan Kardec por essas terras tupiniquins. Os indivíduos articulam suas percepções de mundo a partir de representações. Suas ações e julgamentos moldam-se a partir dessas formas de apreensões, com isso organizam esquemas de percepção de mundo e da realidade social. Entendendo que as práticas sociais da imprensa espírita desenvolviam-se de acordo com ações produzidas a partir de determinadas representações pertencentes aos grupos dirigentes das sociedades espíritas e dos articulistas que escreviam nos periódicos. Esses periódicos constituíam-se para esse grupo como um mundo social dotado de sentido, sendo assim, os jornais e revistas seriam expressões dessas representações. Nesse sentido, o objetivo é traçar um panorama das relações entre esses personagens franceses, suas atuações na imprensa e o papel que estes

desempenharam na inserção e divulgação do espiritismo no Brasil.

Cartunistas franceses na formação de gêneros visuais nos jornais argentinos *La Nación* e *La Prensa*: do momento pioneiro (1862-1874) ao momento sistemático (1894-1904)

Prof. Dra. Alejandra Ojeda
Universidade de Buenos Aires – UBA
Argentina

A presença francesa na imagem da imprensa na Argentina é cedo, tanto em seus primeiros esboços no final da década de 1820, quanto em sucessivas inovações presentes na *Revista del Plata*, por Carlos Pellegrini na década de 1950 e, mais notavelmente, em a década de 1860 sob o impulso de Henri Meyer e Henri Stein. Este último marcou uma variedade de iniciativas inovadoras no campo da imagem da imprensa nas décadas seguintes. No entanto, a fase de apogeu incorporando a imagem visual tanto o jornal diário como a revistas, coincide com um novo fluxo migratório de origem espanhol e italiano, cujos protagonistas definem práticas, gêneros, estilos e organização do trabalho e agrupamentos profissionais. Nesse contexto de transferência da predominância da origem francês para o espanhol e para o italiano, pode-se notar, no entanto, que os gêneros que se formam no final do século XIX são fortemente influenciados pela atividade pioneira de Meyer e Stein. Neste artigo podemos observar a produção do segundo (Henri Stein), e a maneira como sua técnica e estilos impactaram os grandes jornais nacionais *La Nación* e *La Prensa*. Henri Stein (1843-1919), quem chegou muito jovem a Buenos Aires, sem qualquer intenção de se dedicar à imagem da imprensa, achou en ello uma fonte de renda e inserção social, aproveitando sua sólida formação técnica em desenho e marcenaria. Seu maior prestígio como retratista, mestre de desenho privado, desenhista, gravador e litógrafo deu-lhe acesso ao jornal *El Mosquito*, uma publicação de humor mordaz que já é famosa em Buenos Aires. Ele era ilustrador, depois editor, mantendo sua relação com o jornal até o fechamento em 1893. Desde os anos 1860 colabora com ilustrações para grandes jornais, mas essa atividade é reforçada após o encerramento do *El Mosquito*, por exemplo, com " Galeria dos presidentes " publicada pelo jornal *La Prensa*, anunciada na última edição do *El Mosquito*, e numerosos outros retratos e paisagens que *La Prensa* publica nos anos seguintes, completando

assim uma influência decisiva sobre toda uma geração da indústria gráfica.

Matriz francófona na imprensa brasileira: de Max Leclerc ao *Gazeta de Notícias*

Dr. Gutemberg Araújo de Medeiros
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC/SP

Esta comunicação visa expor elementos de como a matriz francófona está na presente na moderna imprensa brasileira a partir da primeira década do século XX. Partimos do diagnóstico realizado em reportagem serial sobre a proclamação da república no Brasil realizada pelo jornalista francês Max Leclerc. São 12 matérias investigativas na coletânea "Letters du Brésil", o jornalista da editoria de política internacional do jornal parisiense "Journal des Débats" veio para reportar o país sob o novo regime. Essa apuração deu-se entre dezembro de 1889 até fevereiro de 1890, abrangendo diversos aspectos comportamentais até as transformações e vertentes políticas, mas destinou especial relevo para a situação econômica do país. As reportagens foram publicadas no mesmo ano no jornal francês e em livro em 1890 pela Librairie Plon. O capítulo dedicado à imprensa brasileira é um dos mais densos ao reportar como o aqui o jornalismo atua em bases amadoras, bem diferentes do jornalismo industrial francês e modelo para o Ocidente. Demonstra como este segmento ainda não se vê como empresa da notícia e tampouco privilégio material informativo em detrimento do opinativo. Por exemplo, anúncios tomam a primeira página, sendo exíguo o espaço editorial. Mesmo este é composto de material completamente avesso ao que se vê no moderno jornalismo francófono, pois são pequeninas notícias pessoais, fofocas e fatos insignificantes. O acontecimento importante não é em geral convenientemente destacado. Para Leclerc, isto acontece porque tanto ao jornalista quanto ao leitor falta uma concepção nítida do valor relativo dos homens e das coisas, carecem de critério de método. Leclerc insiste que essa falta de método é derivada da omissão da imprensa brasileira em assumir o seu lugar na sociedade moderna ao não orientar a opinião por caminho bom ou mau. Não é guia e, tampouco, exerce função educativa. O jornal não está alinhado às forças representantes de mercado – leia-se cadeia produtiva – para fomentar ou mesmo criar demandas de consumo. Esta matriz francófona vai demandar 10 anos para se implantar na imprensa brasileira. Vamos expor e analisar exemplos patentes desse novo jornalismo moderno a partir de páginas do jornal diário *Gazeta de Notícias*, o maior do Rio de Janeiro. Tendo como base a

matéria de página inteira publicada neste periódico intitulada "Como se faz um jornal de hoje", em 2 de agosto de 1907. Serão trabalhados elementos levantados por Leclerc e constituintes dessa nova ordem midiática. Estabelece-se a imprensa informativa, não apenas em texto como em fotojornalismo. A matéria expressa, como lembrava Leclerc ao seu leitor parisiense, ser o jornal moderno uma empresa com linha de produção específica para disponibilizar um produto ao seu público: a notícia. Na comunicação, pretendemos expor outros exemplos desse jornalismo francófono implantado no Brasil a partir de produções de jornalistas e escritores como João do Rio e Olavo Bilac.

Francofonia numa biblioteca suburbana: a formação intelectual e a crítica literária de Lima Barreto na imprensa do Rio de Janeiro do início do século XX

Prof. Dr. Denilson Botelho
Universidade Federal de São Paulo
UNIFESP

Uma das atividades que o escritor carioca Lima Barreto (1881-1922) exerceu na imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX foi a crítica literária. São dezenas de artigos publicados em diferentes jornais e revistas, tomando a literatura como objeto central. Parte da formação intelectual que subsidiou essa crítica literária pode ser observada no inventário que o próprio autor elaborou sobre o acervo que compunha sua biblioteca particular, localizada na sua casa suburbana. E essa era uma biblioteca majoritariamente francesa, já que dos seus 707 volumes, 423 correspondiam a edições originalmente publicadas em francês. Esta comunicação aborda portanto, a influência francesa na formação intelectual e na crítica literária desenvolvida por Lima Barreto na imprensa da Capital Federal nas primeiras décadas republicanas no Brasil. São recorrentes as referências que o literato carioca faz a autores franceses que lhe serviram de base para formular uma concepção de literatura, bem como para avaliar e classificar a produção literária que chegava as suas mãos e era objeto de sua análise crítica e comentários. Dentre essas referências, destacam-se Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), Ferdinand Brunetière (1849-1906) e Jean-Marie Guyau (1854-1888), cujos livros constam da referida biblioteca e são frequentemente citados nos seus textos de crítica literária. Ao analisar, por exemplo, a obra *Mau olhado*, do autor paulista João Pedro da Veiga Miranda, publicada no Rio de Janeiro, pela editora

Leite Ribeiro e Maurillo, em 1919, o crítico literário a classifica como um romance sociológico e embasa essa classificação em Guyau. Nessa crítica, publicada na Revista Contemporânea, em 26 de abril de 1919, apesar de elogiar a descrição densa e detalhada que Veiga Miranda faz no romance de uma fazenda típica, Lima Barreto observa que falta-lhe algo fundamental, que é o escravo: “A antiga propriedade agrícola de um tipo geral [...] não poderia existir sem o escravo”. Nota-se que o olhar sociológico do crítico literário advém de leituras francesas das quais sua biblioteca fornece vasto testemunho. Nesse sentido, a comunicação apresenta resultados parciais de uma pesquisa que investiga os cruzamentos entre a biblioteca francesa responsável por parte significativa da formação intelectual de Lima Barreto e a sua produção literária, notadamente a crítica literária, veiculada originalmente através da imprensa do período. O cotejamento entre sua atividade em jornais e revistas e as leituras que fez pode explicar, em grande parte, suas concepções de cultura, arte e literatura, e sua atuação na imprensa brasileira como crítico literário. Cabe ressaltar ainda que essa pesquisa - em desenvolvimento - se inscreve no campo da história social da literatura, contemplando especialmente questões norteadoras como: Quem escreve? Em quais condições sociais, políticas, econômicas e culturais o faz? Como o produto do seu trabalho é apropriado, lido e consumido? E, sobretudo, qual a relação dessa produção literária veiculada na imprensa com o mundo social do qual ela deriva?

Simon Tygel (1922-2005): um poeta belga no Brasil

Profª. Dra. Júlia Tygel
Marc Storms (Bibliotecário)
Faculdade de Música Souza Lima

Simon Tygel (1922-2005) foi um poeta belga radicado no Brasil. Nascido em Antuérpia, imigrou como membro de uma família judia em 1939, aos 17 anos, residindo em São Paulo. Fluente em português, mas mantendo a escrita em francês, Simon Tygel foi amigo e protegido do poeta modernista Guilherme de Almeida (1890-1969), que prefaciou sua primeira coletânea de poemas e traduziu para o português outros 3 de seus 16 livros. A partir de um projeto artístico de sua neta, a pianista Júlia Tygel, de compor canções sobre poemas de seu avô, e do interesse do pesquisador Marc Storms, que investiga o patrimônio belga no Brasil, teve início uma pesquisa que vem redescobrimdo a produção literária e a trajetória de

Simon (nascido Sigismond) Tygel. O primeiro texto que Simon Tygel publicou, ao que temos notícia, está no número 7 da *Revista Alliance*, da Aliança Francesa de São Paulo, noticiada em 10 de dezembro de 1950 pelo jornal *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, do Rio de Janeiro. Conforme a notícia, o volume – que, infelizmente, até o momento não foi encontrado pelos autores deste trabalho – também conteria colaborações de Jacques André, Guilherme de Almeida, Jones G. Lopes, Pierre A. Martin e Delton de Matos. Edições subsequentes de jornais, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro, divulgam lançamentos de livros e publicam resenhas críticas. O *Jornal de Notícias*, de São Paulo, anunciou em 22 de abril de 1951 o lançamento de *Penser*, livro de estreia do poeta com prefácio de Guilherme de Almeida, e *A Gazeta*, de São Paulo (recorte sem data), apresenta uma crítica positiva de Corrêa Junior. O jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, anunciou, em 7 de agosto do mesmo ano, um recital de poemas de Simon Tygel na Associação de Cultura Franco-Brasileira. O livro *Jornal de um Amante*, traduzido por Guilherme de Almeida (1962), recebeu a atenção da imprensa da época, com anúncios na *Revista de Domingo do Jornal do Brasil* de 17 de junho de 1962; na *Revista da Tribuna da Imprensa* (edição 02805); n^o *Jornal* de 29 de junho de 1962; além de uma elogiosa resenha no *Diário do Paraná* de 21 de setembro de 1962. É provável que Simon Tygel seja mencionado em outras peças da mídia da época, e que seus poemas tenham sido veiculados em outras publicações da imprensa francófona no Brasil – esperamos que os diálogos propiciados por este congresso suscitem encaminhamentos para encontrá-las.

A recepção crítica de J.-K. Huysmans em periódicos no Brasil (1884- 2013)

Ms. (Doutoranda) Glaucia Benedita Vieira
Faculdade de Música Souza Lima

Esta pesquisa é resultado do levantamento, análise e interpretação da recepção crítica do escritor francês J.-K. Huysmans (1848 - 1907) em periódicos brasileiros. Desde as primeiras buscas, notamos que os textos teóricos e acadêmicos que citavam Huysmans, usualmente, ligavam seu nome ao romance *À rebours*, o que nos levou a considerá-lo como ponto de referência para a pesquisa e definir o período para coleta de materiais entre 1884, ano do lançamento da obra, e 2013, ano em que iniciamos as pesquisas. Apesar de atermo-nos inicialmente a esse romance, consideramos sua ligação com todos os textos lançados depois dele, já que o próprio autor afirmou, em um prefácio de

1903, que *À rebours* era formado por uma grande diversidade de temas que seriam trabalhados posteriormente, como se fosse uma introdução para o que apareceria em seus próximos livros. Os textos críticos foram localizados a partir de consultas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; no CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa, unidade auxiliar da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP e na Biblioteca Acácio José Santa Rosa, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP. Contrariando as expectativas, descobrimos grande quantidade de material, algo em torno de 700 artigos divididos entre os seguintes jornais, suplementos e revistas literárias: A Batalha, A.B.C., A Cruz, A Federação, A Ilustração, A Imprensa, A Lanterna, Almanaque do Paraná, A Luta, A Manhã, Letras e Artes: Suplemento de “A Manhã”, América Brasileira, América Latina – Revista de Arte e Pensamento, Anais da Biblioteca Nacional, Anhembi, A Noite, A Noite – Ilustrada, A Notícia, A Ordem, A Província, A República, A Semana, A União (Rio de Janeiro), A União (Paraíba), A Vanguarda, A Vida Moderna, Careta, Carioca, Cearense, Cidade do Rio, Clube Curitibano, Comércio do Espírito Santo, Correio da Manhã, Almanaque do Correio da Manhã, Suplemento Literário do Correio da Manhã, Correio do Povo, Correio Paraense, Correio Paulistano, Cultura Política, Diário Carioca, Diário da Manhã, Diário da Noite, Diário Nacional, Diário de Notícias, Diário do Maranhão, Diário do Paraná, Diário do Povo, Diário Português, Diário de S. Luiz, Dom Casmurro, Eu Sei Tudo, Fanal, Festa, Folha do Norte, Suplemento Literário - Folha de São Paulo, Fon-Fon, Gazeta de Notícias, Gazeta de Petrópolis, Gazeta da Tarde, Boletim do Grande Oriente do Brasil, Hoje, Homens e Letras – Revista Literária, Ilustração Brasileira, Itinerários, Joaquim, Jornal do Brasil, Jornal de Notícias, Jornal do Recife, Kosmos, Leituras Religiosas, Mato Grosso, Novidades, O Apóstolo (Rio de Janeiro), O Apóstolo (Teresina), O Arquivo Ilustrado, O Cenáculo, O Comércio de São Paulo, O Estado, O Estado de São Paulo, Suplemento Agrícola – O Estado de São Paulo, Suplemento Cultural – O Estado de São Paulo, Suplemento Literário – O Estado de São Paulo, O Farol, O Imparcial (Bahia), O Imparcial (Rio de Janeiro), O Malho, O Mercúrio, O País, Opinião, O Radical, O Século, O Tico-Tico, Almanaque d’o Tico-Tico, Pacotilha, Ramo de Acácia, Revista Brasileira, Revista da Semana, Revista do Brasil, Revista do Rio Grande do Norte, Revista Moderna, Suplemento Literário de Minas Gerais, Vida Doméstica. Como se poderia supor, muitos artigos versaram sobre *À rebours* e abordaram diversas temáticas em torno do

romance, graças a eles percebemos que o livro foi lido por importantes críticos e literatos que enfatizaram seu caráter inovador, agregando grande valor à recepção do autor. As efemérides receberam destaque na execução da pesquisa, pois elas são um forte indicativo da recorrência do nome de Huysmans junto à crítica brasileira, levando a crer que bastava que ele fosse suficientemente conhecido para ser lembrado. As obras de caráter religioso fizeram sucesso não somente entre os literatos, mas também entre os leitores comuns, pois constaram em diversas indicações de leitura nos jornais católicos, que exaltavam a vida do autor e descreviam-no como um cristão exemplar. A obra huysmansiana tem uma sequência estreitamente ligada à história da literatura francesa, participando ativamente do movimento naturalista e deixando sua marca no decadentismo. O principal objetivo desta pesquisa é dimensionar a importância de Huysmans no cenário literário, em especial para nossos críticos e leitores, a partir das impressões geradas pela leitura de seus livros, dos eventos importantes em sua carreira, de seu relacionamento com outros

Apoio:



Realização:



Comissão Organizadora:

Guillaume Pinson (Un. Laval, Quebec, Canadá)

José Leonardo Nascimento (Unesp, São Paulo, Brasil)

Valéria Guimarães (Unesp, São Paulo, Brasil)

Yuri Cerqueira dos Anjos (UFJF, Minas Gerais, Brasil)

Comitê Científico

Diana Cooper-Richet (CHCSC-UVSQ, Versalhes, França)

Paulo Augusto Castagna (Unesp, São Paulo, Brasil)

Orna Levin (Unicamp, São Paulo, Brasil)

Tania de Luca (Unesp, São Paulo, Brasil)

Monitores

Heloísa Campanhã (Unesp, São Paulo, Brasil)

Letícia Vieira (Unesp, São Paulo, Brasil)

Luís Felipe Dias (Unesp, São Paulo, Brasil)

Louise Schaeffer (UFJF, Minas Gerais, Brasil)

Projetos relacionados

Médias 19

Jornais Franceses no Brasil

Transfopress Internacional

Transfopress Brasil